

### A PESQUISA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Vicente de Paulo da Silva\*

Este texto consiste num relato de experiências sobre a orientação de pesquisa no curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, envolvendo alunos da graduação, sob o título de Vivência Estudantil no Ensino de Geografia. O trabalho, objeto da proposta, foi aprovado pela Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD, com incentivo de bolsas de Iniciação Científica, totalizando quatro bolsas. As vivências que aqui referimos, tratam de trabalhos de campo realizados nas áreas de estudo, os distritos de Martinésia, Tapuirama, Miraporanga e Cruzeiro dos Peixotos, no município de Uberlândia, no estado de Minas Gerais, onde os estudantes (bolsistas) desenvolveram a temática.

O contato direto do aluno com o objeto de estudo e a proposição de novas alternativas no processo de ensino de Geografia, contribuem com uma melhor preparação dos alunos do curso de Licenciatura em Geografia para o exercício da docência. Isso, por sua vez, garante mais segurança e autonomia no desempenho de suas funções e, ao mesmo tempo, aponta possibilidades de investimentos profissionais para os quais a criatividade será considerada um elemento primordial.

O trabalho específico dos bolsistas ligados ao projeto exigiu a definição antecipada de um distrito para que fossem concentrados os seus estudos. Esse distrito passaria a ser sempre a referência e lócus do trabalho de campo. A proposta de trabalho do bolsista consistia em analisar a realidade da vida cotidiana no local sendo, para isso, apontados alguns aspectos que os mesmos dariam maior atenção. Dentre esses aspectos foram propostos pensar sobre a Identidade e a Construção Histórica do Distrito; o Homem, a Terra e o Trabalho; Disponibilidade e Gestão dos Recursos Naturais; Cultura, Tradição e Modernidade e, finalmente, questões relacionadas à Educação, à Saúde e ao Lazer.

---

\* Doutor em Geografia e Prof. do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Av. João Naves de Ávila, 2121 – Campus Santa Mônica - Bloco 1-H. Uberlândia-MG. CEP 38408-902. E-mail: vicente@ig.ufu.br

Num primeiro momento da pesquisa foi contemplada no plano de atividade do aluno a seguinte proposta: “Vivência geográfica nos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos: possibilidades para o ensino”, sendo que cada bolsista ficou responsável por um distrito específico. Num segundo momento, então com outros alunos, foi contemplada no plano de atividade a proposta de trabalho sobre vivência geográfica nos distritos de Miraporanga e Tapuirama, seguindo as mesmas orientações da primeira etapa.

#### A PROPOSTA: AÇÕES DESENVOLVIDAS

Foram realizados levantamentos de dados sobre cada distrito em estudo, além da vivência dos bolsistas nos próprios distritos. Essa vivência significa a visita ao campo por um período em que os estudantes fossem capazes de perceber aspectos da vida cotidiana dos moradores e, a partir disso, refletir sobre o ensino de Geografia e as possibilidades no estudo do município e seus distritos.

Foi a partir, principalmente, dos trabalhos de campo que os alunos obtiveram as informações sobre a realidade do distrito. Esse conhecimento assim produzido da ao estudante uma segurança na divulgação de seu trabalho. A vivência muitas vezes se sobrepõe a outros meios de divulgação de uma realidade, ou seja, por mais que atualmente haja muitas formas de interpretação e leitura dessa realidade, vivê-la será sempre mais verdadeiro e revelador.

Propôs-se neste projeto o estudo do município, a partir da realidade de seus distritos, o que por sua vez permitiria o encontro entre o estudante com uma, ou muitas geografias. Isso significa educar o olhar para fazer esse reconhecimento, ou seja, desenvolver a prática do olhar geográfico, para posteriormente refletir sobre a sua futura prática docente e apontar caminhos nesse complexo processo de ensino brasileiro e do ensino de Geografia em particular.

A ideia de colocar os alunos de graduação em geografia frente a essas realidades, como se disse anteriormente pode contribuir com o despertar da atenção para situações que os envolverão futuramente como profissionais da educação. Porém, desde a graduação eles já podem estar se preparando para fazer uma educação que seja também diferente, ou seja, que trabalhe para o avanço qualitativo das relações professor-aluno, da educação de qualidade e do fim de todo tipo de discriminação dentro do ambiente escolar.

Nesta linha de pesquisa buscamos enfocar as interações entre os distritos de Uberlândia e a cidade, ou distrito sede, nos diversos aspectos: econômico, social, político e cultural. A priori considera-se de fundamental importância a construção da identidade de cada

distrito para o qual o estudo da vida cotidiana pode ser a chave para essa compreensão. Esta proposta está em sintonia com o que diz Yves Lacoste (1988) quanto à necessidade de conhecer o espaço para saber nele se organizar, para nele se defender.

Esta linha abre perspectiva para estudar o desenvolvimento da vida cotidiana nos distritos. Os conceitos geográficos de espaço, território, lugar, escala, região e regionalismo, além de outros como cultura, trabalho, aspectos populacionais, educação, saúde, lazer, podem dar suporte aos projetos elaborados nesta linha que visem a construção da identidade dos distritos bem como suas inserções no espaço local e extra local.

Esse procedimento possibilita o conhecimento sistemático de cada distrito e facilita, a depender das áreas de interesse, o incremento de políticas que visem a melhoria da qualidade de vida nessas áreas, mas sobretudo, permite aos alunos de graduação em geografia pensar sua futura prática docente e apontar caminhos para a melhoria da qualidade do ensino tanto na graduação quanto na educação básica.

Da mesma forma, consideramos que este trabalho poderia contribuir com a melhoria da qualidade do curso de graduação em Geografia na medida em que propõe despertar a atenção e o interesse dos alunos para situações reais com as quais terão de lidar no desempenho de suas atividades.

Assim, ainda na graduação, nosso aluno pode ser colocado diante de situações para as quais terá condições de debater e apontar rumos para uma educação de qualidade, a qual começa com a sua própria educação. Este é, inclusive, um perfil de aluno que desejamos no curso de graduação em Geografia. Ao invés de mero agente passivo do processo de ensino e aprendizagem ele contribua, de fato, para que tenhamos um curso comprometido com a transformação da realidade social, com o aprimoramento do ensino de Geografia e com a proposta de formação de cidadãos plenos.

## FUNDAMENTOS E SENTIDO DA PROPOSTA

Denis Cosgrove (1998) dizia que a Geografia está em toda parte. Acrescentamos a essa fala o fato de que cabe a cada um buscar encontrar essa Geografia onde quer que ela esteja, seja numa manifestação cultural, passando pelos movimentos sociais, até a mais simbólica manifestação da vida cotidiana em sociedade.

Isso passa pela assunção de que é preciso desafiar o aluno de graduação para que ele aprenda a pensar e não apenas reproduzir. Ele deve, por si só, descobrir que vale a pena

investir num ensino de qualidade. Mais do que isso, deve entender a importância de se fazer investimento em uma educação comprometida com a realidade social e que o mesmo entenda que no mundo da educação teremos de lidar com pluralidade de pensamentos, e de diferenças. “Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 1996, p. 36). Esta fala nos faz acreditar que não estamos sozinhos, nem somos os únicos a acreditar que uma outra sociedade e, conseqüentemente, uma outra educação são possíveis.

A adoção de uma prática voltada para a eliminação de qualquer tipo de preconceito, de qualquer barreira em sala de aula não deve ser confundida com um gesto de caridade do professor, não é disto que o aluno precisa. Isto é uma questão de sensibilidade, de fineza de percepção, a até de bom senso, para usarmos as palavras de Demo (2002).

Este autor nos diz que “o bom senso implica capacidade de avaliar situações complexas e delas obter saída adequada, a melhor do momento” (DEMO, 2002, p. 30). A ideia defendida pelo autor ainda dá margem para pensarmos na possibilidade de evolução dos conceitos e, por conseguinte, das nossas atitudes. Uma decisão que no momento se apresenta como a melhor pode não ser mais em outro momento, por isso há que se ter em mente que as coisas evoluem e, sendo assim, nossa maneira de ensinar precisa ser revista sempre.

Em educação somos, muitas vezes, guiados por uma racionalidade fria, a qual torna nossa visão muito limitada. Não enxergamos possibilidades, pior, não queremos vê-las. Perdemos de vista a humanidade do ser humano, ignoramos o afeto no ato de ensinar como adverte Chalita (2004) e, neste sentido, também nos tornamos frios e insensatos.

Entretanto, partilhamos da ideia de Morin (2004, p. 23) quando diz que “o racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional. A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento”. Sem esses dons, passamos a exercer um papel de educador cada vez mais voltado para um saber conteudista, desvinculado do ser humano, o qual só se presta para reproduzir, na educação, a condição alienante de um sistema que descarta a formação de pessoas conscientes e prima pela ignorância como estratégia para sua perpetuação.

Içami Tiba (1998) expõe o que ele considera como sendo as condições para ser um mestre e diz que para isto não basta conhecer bem a matéria. Que, dentre outras coisas, é preciso entender o aluno considerando: a) a etapa do desenvolvimento na qual ele se encontra; b) as dificuldades e facilidades específicas no aprendizado e; c) a necessidade de inteirar-se dos interesses pessoais que possam ajudá-lo no aprendizado.

Foi isso que, nesse projeto, apresentou-se como proposta aos alunos do curso de Geografia da UFU. A possibilidade de ampliação dos horizontes e aceitação de que o curso não se reduz ao que se vê em sala de aula. Parodiando Shakespeare, dissemos que há muito mais coisas entre a escola e a vida do que o aluno possa imaginar enquanto graduando. Ele deve aprender que muitas dessas coisas não se ensinam no banco da sala de aula, elas estão dentro de cada um. O que ele precisa, então, é exercitar a capacidade que ele tem de aceitação do outro nas suas diferenças.

Mas é possível que haja quem acredite que na era informacional, das tecnologias, da informação instantânea, era do progresso, enfim, era da modernidade, possa parecer reducionismo reivindicar o afeto, a compreensão, o pensar certo de que nos fala Paulo Freire. Por isso há que fazer referência novamente a Morin (op cit., p. 72) quando nos diz que “se a modernidade é definida como fé incondicional no progresso, na tecnologia, na ciência, no desenvolvimento econômico, então a modernidade está morta”.

É mister então que pensemos, ou melhor, que pratiquemos uma pedagogia que seja de fato libertadora. Uma pedagogia nos moldes propostos por Paulo Freire (1987), comprometida com o que ele chama de oprimidos e aqui nós chamamos de diferentes. Isto é diferente da ênfase dada à educação por organismos internacionais, como o Banco Mundial, cuja atenção é dada não a um processo de educação libertadora, mas sim a uma “formação de ‘capital humano’ adequado aos requisitos do novo padrão de acumulação” (SOARES, 2003, p. 30).

A adoção de uma nova prática passa, antes de tudo, pela aceitação de que a educação pode representar uma saída para que os homens conquistem de fato sua liberdade. O contrário disso é aceitar as imposições de grupos organizados que veem na educação a forma de perpetuar a sua “superioridade” sobre as pessoas.

Este foi o sentido de propormos essa pesquisa com alunos do curso de graduação em Geografia da UFU. O que se focou de fato foi a formação de profissionais comprometidos com o Ensino de Geografia, com a transformação da realidade social e que tenha o ser humano como a razão principal da sua escolha pela profissão de Ser Professor.

## REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2004. 263p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 92 – 123.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002. 159 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31.a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 148p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17.a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184 p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9.a ed. São Paulo: Cortez, 2004. 118p.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo**: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. 17.a ed. São Paulo: Gente, 1998.170 p.

Texto recebido para avaliação em 30/04/12 e aceito para publicação em 04/06/12.